

Mulheres em revolução pelas ruas incendiárias do planeta¹

*Women in revolution through
the incendiary streets of the planet*

Flávia Lucchesi

Mestre em Ciências Sociais e pesquisadora no Nu-Sol.
flalucchesi@gmail.com.

RESUMO:

Séculos XIX, XX e XXI, a revolta de mulheres anarquistas ganhou formas diversas no embate contra os governos e as dominações. Esse artigo apresenta algumas histórias dessas lutas menores, a partir de obras de libertárias que escreveram suas próprias existências. Como as jovens nihilistas regicidas Sophia Bardina, Sophia Perovskaya e Vera Figner que arriscaram suas vidas para destruir o czarismo russo; como Emma Goldman, Mollie Stierner e Fanya Baron que enfrentaram a democracia estadunidense e os rumos autoritários da condução da Revolução Russa de 1917, escapando de perseguições e combatendo seus tribunais e prisões; como as incógnitas da associação punk feminista Pussy Riot com suas obras de arte por ação direta que incendiaram as ruas de Moscou, no início da primeira década dos anos 2000, na luta contra a atual democracia neoliberal.

Palavras-chave: mulheres anarquistas, regicidas, Revolução Russa, Pussy Riot.

ABSTRACT:

During the 19th, 20th and 21st centuries, the anarchist women's revolt took different shapes against governments and domination. This article shows some of the stories of those minor struggles, based on works of libertarian women who wrote their own existence. Like the three young nihilist and regicides Sophia Bardina, Sophia Perovskaya and Vera Figner who risked their lives to destroy russian czarism; Emma Goldman, Mollie Stierner and Fanya Baron who confronted both the USA democracy and the authoritarian course of the Russian Revolution in 1917, escaping from persecutions and fighting against the Tribunal and prisons; the unknowns from the punk feminist association Pussy Riot that, during the years 2000 first decay burned the streets of Moscow with their artistic work by direct action against the current neoliberal democracy.

Keywords: anarchist women, regicide, Russian Revolution, Pussy Riot.

LUCCHESI, Flávia (2017). Mulheres em revolução pelas ruas incendiárias do planeta. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 19, set-dez, pp. 107-121.

Recebido em 2 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 30 de outubro de 2017.

¹ Texto originalmente apresentado Seminário 100 anos da Revolução Russa. Debates sobre democracia, socialismo e anarquismo entre 25 e 28 de setembro de 2017, UFPA.

Tarde de 15 de junho de 1917, Nova York. O escritório dos jornais anarquistas *Mother Earth* e *Blast* foi invadido pela polícia. Emma Goldman e Alexander Berkman, editores dos dois periódicos, respectivamente, foram detidos.

Não acreditávamos na lei e seu maquinário, e sabíamos que não poderíamos esperar justiça. Portanto, ignoraríamos o que nos era uma simples farsa. Recusaríamos-nos a participar. Se isso se mostrasse impraticável, levaríamos adiante nosso próprio caso, não para nos defendermos, mas para dar vazão pública a nossas ideias (Goldman, 2015: 444).

Dado o veredito, Berkman afirmou: “‘Fomos condenados por sermos anarquistas’. (...) ‘Nos Estados Unidos, a lei é algo imperecível’, o juiz declarou ao impor a sentença, ‘e para pessoas tais que gostariam de anular nossas leis não há lugar em nosso país. Nesse caso eu os condeno à lei máxima permitida pelas leis’” (Idem: 451). Eles passaram dois anos na prisão.

Outubro de 1919, fora da prisão, de volta à Nova York. Uma das primeiras pessoas com quem Emma Goldman se encontrou foi a jovem Mollie Stierner. Elas não se conheciam pessoalmente, mas Emma já havia ouvido falar de sua “força excepcional” em suas ações diretas e em seu posicionamento combativo diante do tribunal. Como Emma, Berkman e muitos outros libertários, Stierner fora presa em 1917 por suas “atividades anti-América” enquadradas no recém promulgado Espionage Act.

Em sua autobiografia, *Vivendo Minha Vida*, Emma Goldman conta o encontro e a conversa que teve com a jovem. Mais experimentada, ela alertou Stierner de que a continuidade das atividades clandestinas poderia voltar a encarcerá-la. “Ela era uma garota maravilhosa, com uma vontade de ferro e um coração terno, mas era assustadoramente segura quanto a suas ideias” (Ibidem: 505), disse Emma. E Mollie não parou.

Nos onze meses que se seguiram, ela foi detida, ao menos, oito vezes. Passou noites e semanas inteiras em delegacias, horas e dias trancafiada sob o jugo das forças policiais, mas foi liberada por falta de provas. No fim do ano de 1919, conseguiram aprisioná-la. Ficou encarcerada na mesma prisão onde Emma estivera, no Missouri, até novembro de 1921 quando foi deportada para a Rússia junto com seus companheiros da Frayhayt, grupo de jovens anarquistas judeus que publicava um periódico de mesmo nome.

Dezembro de 1919, a bordo do navio militar USAT Buford, Emma Goldman, Alexander Berkman e centenas de libertários, dentre eles Aaron e Fanya Baron, seguiram para a Rússia deportados, contudo, empolgados com a revolução. Na primeira conversa que tivera com Mollie, Emma discordara de seu posicionamento em relação ao governo bolchevique. A jovem alegara que os bolcheviques compunham um governo e que deveriam ser combatidos como tal. A conversa com Emma fez Mollie repensar, e quando ela também foi deportada, embarcou animada com o calor da revolução. Era uma questão de tempo para que ambas sentissem na pele o que a revolta da jovem anunciava: era um governo e, como tal, devia ser combatido.

libertárias e o fogo regicida

Neste encontro com Emma, Mollie a lembrou das mulheres revolucionárias russas que enfrentaram o czarismo, “que sacrificaram suas vidas, antes mesmo de mal terem começado a vivê-las” (Stiemer *apud* Avrich, s/d).

Na segunda metade do século XIX, uma trajetória comum à maioria dessas mulheres que se erguiam contra o czarismo e outros autoritarismos era o ingresso na universidade. Elas iam à Suíça, para a Universidade de Zurique, ou buscavam a Universidade de Alarchinsky para Mulheres, na Rússia. Em Zurique, na década de 1870, as jovens universitárias niilistas,

empolgadas com Mikhail Bakunin, organizaram-se no Ciclo Fritsch, onde estudavam outros assuntos que não a medicina, curso que lhes era um pouco melhor aceito socialmente. A partir desses estudos, que iam de questões como o suicídio e os escritos do anarquista, elas elaboraram um programa revolucionário, que apresentaram na Internacional de Genebra, e que levaram na bagagem quando retornaram à Rússia. Muitas delas, ao lá chegarem, foram recebidas com ordens de prisão.

As que escaparam das prisões — a cadeia ou o casamento — envolveram-se em novas associações, como a conspiratória Organização de Todos os Revolucionários Sociais Russos, na qual tomaram parte Sophia Bardina e Vera Figner, que já lutavam juntas no Fritsch.

Figner tornou-se uma figura de destaque devido a sua boa oratória, o trabalho de alfabetização, as leituras que fazia com os camponeses e à perspicácia em escapar da polícia. Isso lhe possibilitou uma trajetória diferente de Bardini, que condenada a nove anos de prisão, suicidou-se no cárcere.

Após seu encontro com Sophia Perovskaya, Figner deixou sua vida nômade entre o campesinato, e voltou para a cidade, onde criaram o Narodnaya Volya (Vontade do Povo). No dia 26 de agosto de 1879, o Comitê Executivo da Narodnaya Volya decidiu matar o czar Alexander II. De agosto a março de 1881, dedicaram-se a produzir um explosivo potente e adequado às condições de transporte, e a armar a emboscada precisa para matar o soberano. Foram três tentativas em 1879 e duas em 1880; todas falharam. Alguns integrantes do grupo foram presos, enforcados e a imprensa clandestina da Vontade do Povo foi descoberta. Seguiu-se um período de intensas perseguições.

Em março de 1881, a estratégia se concretiza: o czar está morto. Sophia Perovskaya foi presa poucos dias depois e condenada à forca junto de cinco companheiros libertários. Outros integrantes foram detidos, e alguns se suicidaram, preferindo eles mesmos darem cabo à própria existência.

Perovskaya foi a primeira mulher russa a receber a pena capital, acusada de terrorismo. Gesya Gelfman, também detida, não foi enforcada porque estava grávida. Forçaram-na a levar a gravidez adiante na Fortaleza de Pedro e Paulo. Assim que nasceu, a criança foi sequestrada pelas autoridades, e Gelfman morreu na prisão, pouco tempo depois.

Em 1882, Vera Figner era a única integrante do Comitê Executivo da Narodnaya Volya que havia escapado da prisão e que seguia vivendo no país, tentando achar meios de libertar seus companheiros presos, articulando uma nova imprensa e uma nova associação². Nessas tentativas, ela foi denunciada por Sergey Degayev, ex-membro do Comitê que a delatou para ter sua pena abrandada. Ela foi presa em 1883 e quis fazer sua própria defesa. Escreveu em seu testemunho, ridicularizado pelo júri como “um romance”, sua trajetória na luta pela revolução social e sua transformação de “altruísta social” em regicida (Broido, 1977).

Na Fortaleza de Pedro e Paulo, mesmo lugar onde Bakunin ficara preso anos antes, Figner passou vinte meses trancada na solitária, enquanto aguardava a decisão judicial. Foi condenada à morte, depois à prisão perpétua na Sibéria, e por fim cumpriu duas décadas nessa Fortaleza. Encarcerada, Figner não abrandou: pôs-se em greve de fome como protesto mais de uma vez e escreveu suas *Memórias de uma Revolucionária*, obra publicada em 1926, na Rússia. Após sua libertação, ela foi exilada e retornou ao país em 1915.

Assim como muitos anarquistas, tomou parte na revolução de outubro. Como alguns, ela constatou rapidamente os rumos autoritários dos bolchevistas³. No entanto, diferente do destino preferencial dado aos

² A intenção era planejar o assassinato do novo czar, Alexander III. Outro grupo tentou fazê-lo, mas cinco envolvidos foram pegos e enforcados.

³ Em “A repressão ao anarquismo na Rússia soviética”, escrito por um grupo de anarquistas russos exilados na Alemanha, e publicado em 1923, em Berlim, enfatiza-se: “O primeiro divórcio ocorreu em outubro, na criação do ‘governo soviético’. Quando anunciado no II Congresso dos Sovietes, em outubro de 1917, Efim Yartchouk, delegado anarquista de Kronstadt, exclamou: ‘Que governo? Nós não

anarquistas, tidos como bandidos e contrarrevolucionários, Figner era respeitada como uma figura revolucionária, assim como Piotr Kropotkin. Eles, como Berkman e Emma Goldman, eram figuras muito populares e os comunistas temiam puni-lo; estrategicamente os deixavam soltos.

libertárias e o fogo nos condutores da revolução

“Com uma multidão no Bulford que não tinha respeito por dragonas e medalhas douradas, com 249 radicais à mão que acreditavam em greves e ação direta, o navio de guerra foi um verdadeiro presente dos deuses” (Ibidem, p.521). Ainda que aprisionados e sendo arbitrariamente mandados de um país para o outro⁴, os libertários singraram neste clima para as terras onde sabiam estar em curso uma revolução. No entanto, o contexto que lhes aguardava era muito menos favorável às práticas de liberdade do que esperavam.

Em março de 1919, o tratado de Brest-Litovsk, firmando aliança com o Império Alemão, foi para muitos libertários a constatação do caráter autoritário do governo bolchevista, estancando e sufocando a revolução, fixada em um Estado. No mês seguinte, as tropas da Tcheca empreenderam os primeiros ataques aos clubes e comunas anarquistas, e as perseguições e prisões de anarquistas começaram se intensificar⁵.

necessitamos de nenhum governo!” (Skirda, 2007: 95).

⁴ Mollie Stierner foi relutante em aceitar uma defesa pedindo deportação. “Cada um deve viver aonde ele ou ela escolher. (...) Nenhum indivíduo, ou grupo de indivíduos, tem o direito de me mandar para fora desse ou daquele país! (...) Eles são meus companheiros também, e eu penso que é extremamente egoísta e contrário aos meus princípios anarco-comunistas pedir minha a libertação e a de outros três indivíduos em um momento em que milhares de presos políticos estão languidescendo em prisões nos Estados Unidos” (Stierner *apud* Avrich, s/d, s/p).

⁵ Imediatamente após a instauração do governo bolchevista alguns anarquistas, considerados mais “perigosos” foram caçados. Como Iosif Bleikhman, que integrara a Federação Anarcocomunista de Petrogrado na Revolução de 1917 e que já havia sido preso por suas atividades ácratas durante o período czarista. “Depois de outubro ele é constantemente perseguido pelos bolchevistas, que o prendem em 1918 e o deportam para um campo de concentração, forçando-o a trabalhos humilhantes e

A intenção, impossível de ser concretizada, foi explicitada por Trotsky, que depois de comandar seu exército contra os espaços anarquistas, proferiu: “Enfim o poder soviético varre o anarquismo da Rússia com uma vassoura de ferro” (Trotsky *apud* Skird, 2007: 100).

A situação dividia os anarquistas e havia aqueles que seguiam acreditando que as condições eram profícuas para a continuidade da revolução. Deste lado, agruparam-se os companheiros Aaron e Fanya Baron, que logo aderiram à Nabat (Confederação Anarquista Ucraniana) e ao movimento de Nestor Makhno e do campesinato ucraniano. Já durante a intensificação da repressão em 1919, mais concentrada na capital, as experimentações de Makhno assustavam o Kremlin. No decorrer de 1920, deram a cartada final, estancando o movimento makhnovista.

Emma e Berkman estavam entre os anarquistas mais desconfiados, e não tiveram pressa em se posicionar de um lado ou de outro. Em seu escrito “O comunismo não existe na Rússia”, a anarquista conta que logo que desembarcou, em janeiro de 1920, ficara em alerta ao notar a seletividade em torno da distribuição da ração⁶. Eram os proprietários da carteira vermelha (membros do Partido Comunista) que ganhavam as melhores rações, que podiam comer na *stolovaya* (cantina do Partido) — os bolchevistas tinham seus próprios restaurantes —, e que ganhavam as melhores roupas para enfrentar o rígido inverno. Abaixo deles estavam os marinheiros, depois os soldados do Exército Vermelho, e por fim, os operários segmentados (primeiro os trabalhadores da indústria armamentista, depois os qualificados, os artesões, os sem qualificação, etc).

Foi olhando para essa questão cara ao seu anarquismo — a comida e os seus prazeres —, que Emma Goldman começou a notar os privilégios e as seletividades firmados pelo novo regime. Atenta às relações, ao

penosos na lama e com a água até a cintura. Uma vez que já havia adoecido na prisão czarista, sua saúde agora se arruína e morre em 1921” (Skirda, 2007: 95).

⁶ Variava a quantidade do que recebiam, um pouco menos ou mais de “pão, banha, água, tabaco e outros produtos (quando havia)” (Goldman, 2007: 109).

exercício do governo, à militarização e ao autoritarismo, a libertária foi avançando em suas reflexões de que a terra não era socializada, mas nacionalizada, e que ela e os instrumentos de produção não eram mais do que propriedades do Estado; o trabalho não era fruto da livre vontade e associação, mas condicionado pelas políticas do Kremlin; e que o bolchevismo não aboliu, mas operou uma inversão nas relações de classe, consolidando uma “aristocracia soviética” (Goldman, 2007: 115).

A continuidade das prisões e a perseguição ao “banditismo anarquista” foram, possivelmente, as questões derradeiras que a levaram à constatação do despotismo do governo bolchevista e da urgência da luta contra ele, articulando formas de tentar libertar os presos — assim como fizera diversas vezes no democrático Estados Unidos da América.

Sua amiga Fanya Baron foi pega e levada à prisão de Butyrki e depois transferida junto com outros 399 presos para o campo de concentração de Rianza, de onde conseguiu escapar. Caminhou exaurida até Moscou, onde o seu companheiro, Aaron, estava detido, para tentar tirá-lo da prisão. Lá foi ajudada por Berkman e outros anarquistas, mas acabou encontrada durante uma operação da Tcheca.

30 de setembro de 1921, Fanya foi fuzilada no porão de uma prisão pela Tcheca junto com oito presos.

Rebelde até o fim, Fanya usou sua força restante contra o monstro por um momento e então entrou na eternidade enquanto o abominável silêncio no porão da Tcheca voltou após os tiros de fuzil. Eu havia chegado ao fim. Não podia mais tolerar aquilo. No escuro, tateei até Sasha [Berkman] e implorei-lhe para deixarmos a Rússia, de qualquer jeito (Goldman, 2015: 657).

Emma e Berkman já haviam partido rumo à Berlim, quando uma nova leva de deportados chegou à Rússia, trazendo também Mollie Stierner. Neste momento, o tom repressivo do pós-revolução preponderava. Stierner logo soube da morte de Kropotkin, que a revolta dos marinheiros de

Kronstadt havia sido esmagada pelo Exército Vermelho, que o exército insurgente de Makhno não existia mais, e que centenas de anarquistas estavam encarcerados. Mas não desanimou. Ao lado de Senya Fleshin, com quem experimentou uma longa parceria de paixão e anarquia, organizou a Sociedade para Ajudar Prisioneiros Anarquistas. Como nos EUA, foi presa algumas vezes. Da última detenção, em 1923, ela e Fleshin foram expulsos do país e “embarcados” com destino à Alemanha.

Em Berlim, estiveram com Emma e Berkman e articularam novas associações e ações em prol dos presos anarquistas na Rússia⁷. Depois, em Paris, junto com Berkman, criaram o Grupo de Apoio Mútuo de Paris para receber e auxiliar anarquistas exilados. Estiveram entre Paris e Berlim, fugindo da guerra. Mollie chegou a ser internada em um campo de concentração — além de anarquista, era judia. Muito doente, Berkman se matou em 1936. Os outros libertários seguiram suas vidas nômades, viajando pelo planeta e praticando anarquia. Emma foi à Revolução Espanhola e depois embarcou para o Canadá. Steimer e Fleshing, no início dos anos 1940, também voltaram para a América, passando a viver no México.

libertárias e o fogo na democracia neoliberal

21 de fevereiro de 2012, cinco integrantes da Pussy Riot subiram no altar da Catedral do Cristo Salvador, em Moscou, para apresentar uma “reza punk”. Subiram no altar e dançaram, berrando um dos versos de sua canção *Virgem Maria, mãe de Deus, leve o Putin embora* — “Merda! Merda! A merda do Senhor!”. Este acontecimento levou à prisão preventiva e, posteriormente à condenação três das cinco jovens envolvidas na ação: Yekaterina Samustevich, Maria Alyokhina e Nadezhda Tolokonnikova à sentença de dois anos de prisão por “vandalismo e incitação ao ódio religioso”. Esta foi a derradeira tentativa de repressão

⁷ Joint Committttee for the Defense of Revolutionaries Imprisoned in Russia (1923-1926) e Relief Fund of the International Working Men’s Association for Anarchists and AnarchoSyndicalists Imprisoned in Russia (1926-1932).

por parte do Estado a uma série de ações que esta associação vinha fazendo em Moscou, e que culminou, por meio de notícias midiáticas, no apogeu de sua notoriedade em todo o planeta.

A Pussy Riot foi uma associação de russas anônimas que praticava suas ações diretas em espaços públicos e privados, marcada pelo uso de roupas com cores vibrantes e balaclavas coloridas. As ações irrompiam, as mascaradas dançavam, berravam estrofes de suas músicas, e velozes, desapareciam. Depois, as ações, que eram filmadas, passavam por edição na qual mixavam as imagens às gravações de suas músicas, sempre canções de punk rock, barulhentas, rápidas e brutais.

As *pussies* fizeram suas primeiras ações em 2011. A primeira delas, “Operação: baixar lixo” aconteceu dentro de estações de metrô de Moscou, nas quais as jovens agarraram e beijaram mulheres policiais uniformizadas. A ação veio após o primeiro-ministro russo promulgar algumas reformas institucionais na polícia, que foi renomeada de *militsiya* (milícia, como era conhecida no período soviético) para *politsiya* (polícia), como se a troca de termos indicasse uma “humanização” da polícia. Foi também um ataque ao prefeito de Moscou, Sergei Sobianin, que declarou que o seu país não precisava de gays. A música usada como trilha sonora para o vídeo, diferente das demais ações, não era uma composição da Pussy Riot, mas uma antiga canção anarquista russa, composta durante o regime czarista, cujo refrão é: “Hey, hey, abaixo a polícia! Abaixo a autocracia russa!”.

Elas fizeram mais quatro ações diretas antes de se tornarem um caso de polícia, e duas depois disso. Incomodaram as autoridades e a maioria da população, sendo em algumas dessas ações, levadas à delegacia, interrogadas, fichadas e autuadas.

Os alvos das ações e a escrita das músicas deixam claro o embate das *pussies* contra os autoritarismos. Em “Vodka-Kropotkin” saudaram o anarquista e atacaram o capitalismo, invadindo lojas, interrompendo um desfile de moda, tomando um espaço na rua mais cara de Moscou. Voltaram

a atacar o capital em uma ação contra a indústria petroleira, no interior da Rússia, invadindo propriedades de extração e quebrando oleodutos. Nos muros vizinhos ao Centro de Detenção de Moscou, berraram: “Morte à prisão!”. Na Praça Vermelha, incitaram uma revolta russa, para “abortar o sistema”. E, voltando ao caso que as tornou conhecidas, atacaram a religião.

A Catedral do Cristo Salvador foi construída no ano de 1812 a partir de doações de fiéis, e demolida em 1931, dando lugar a uma piscina pública. Após o fim do regime soviético, a Catedral foi reconstruída, novamente, com participação dos fiéis. Este contexto foi apresentado por Yekaterina Samutsevich em seu depoimento no tribunal. Em vez de ter a conduta esperada e defender-se das acusações, assumindo a culpa ou repassando a acusação, ela buscou expor a coerência da ação. Enfatizou a nomeação do padre Kirill como líder da Igreja Católica Ortodoxa Russa por Putin, seu colega antigo, dos tempos em que ambos serviam a KGB. Tanto em seu depoimento quanto em outros de Maria Alyokhina e de Nadezhda Tolokonnikova, ressalva-se o caráter político da ação que buscou escancarar as relações indissociáveis entre Igreja e Estado. Questão posta por Bakunin e outros anarquistas desde o final do século XIX⁸.

No tribunal, as três *pussies* se recusaram a assumir culpa ou demonstrar arrependimento, aceitar desculpas das autoridades ou pedir desculpas a elas ou à sociedade. Durante o julgamento, buscaram afirmar sua luta, e debocharam da acusação das autoridades e dos reacionários o tempo todo.

No entanto, a repercussão do julgamento e da condenação suscitou, tanto dentro da Rússia quanto no exterior, debates acalorados em defesa da democracia. Dentro da Rússia, e de ambos os lados, sublinhou-se a presença do fantasma de mais de meio século da Ditadura do

⁸ “A cada uma dessas ficções [religiosas] corresponde, sabe-se perfeitamente, alguma realidade monstruosa; assim, o amor celeste não teve nunca outro efeito que o ódio terrestre, a bondade divina só produziu o mal, e a liberdade de Deus significa a escravidão aqui embaixo. Veremos de imediato que o mesmo acontece com todas as ficções políticas e jurídicas, pois tanto umas quanto as outras são, por outra parte, consequências ou transformações da ficção religiosa” (Bakunin, 2011: 61).

Proletariado. Fora da Rússia, a prisão das garotas, vistas como “artistas”, foi majoritariamente condenada por celebridades, chefes de Estado, Ongs e organizações internacionais de Direitos Humanos, pela grande mídia e pela opinião pública. Nos países democráticos ocidentais, a condenação foi noticiada como uma repressão autoritária de um governo falho quanto à sua veracidade democrática diante da aplicação de uma pena “desproporcional”.

Mas a atual crença da maioria na democracia tem dimensões e desdobramentos que não podem ser ignorados, e que funcionam capturando e apaziguando resistências. Em dezembro de 2013, às vésperas do aniversário de vinte anos da Constituição Russa, o governo anistiou alguns presos, dentre eles, Maria Alyokhina e Nadezhda Tolokonnikova (Yekaterina Samutsevich teve seu pedido de liberdade condicional aceito em outubro de 2012). Desde que saíram da prisão, de cara anunciando uma mudança ética e política, as duas fizeram declarações midiáticas confusas quanto à Pussy Riot: ora diziam não serem mais associadas a ela, ora diziam que estavam privilegiando o ativismo, via Ong, à ação na Pussy, e chegaram até a declarar o fim da Pussy Riot. Quando foi oportuno, passaram a declararem-se a Pussy Riot e divulgaram novos vídeo clipes e composições, mesmo sabendo que o que fazem de suas vidas agora nada tem a ver com a associação Pussy, bem como explicitaram as demais integrantes incógnitas em carta aberta.

Infelizmente, para nós, elas estão tão empolgadas com os problemas nas prisões russas que esqueceram completamente nossas aspirações e ideais: feminismo, resistência separatista, luta contra o autoritarismo e o culto à personalidade. Tudo isso o que, na realidade, causou suas injustas punições. Agora, não é segredo que Masha e Nadia não são mais integrantes do grupo e que não participarão de ações radicais. Agora elas estão envolvidas em um novo projeto, agora elas são defensoras institucionalizadas dos direitos dos presos. (...) A defesa institucionalizada dificilmente pode proporcionar a crítica das normas e regras fundamentais que sublinham o próprio mecanismo da moderna sociedade patriarcal. (...) não cobramos nenhuma taxa para que possam ver

nosso trabalho artístico, todos os nossos vídeos são distribuídos livremente na internet, os espectadores de nossas performances são sempre transeuntes espontâneos, e nós nunca vendemos ingressos para nossos “shows”. Nossas performances são sempre “ilegais”, apresentadas apenas em locais imprevisíveis e públicos, não projetados para o entretenimento tradicional. A distribuição de nossos clipes é sempre por canais de mídia irrestritos e livres (Pussy Riot, 2014: 148-150).

O trabalho artístico das duas, em paralelo às atividades da Ong Zona Prava e da mídia livre voltada para a reforma das prisões MediaZona, inseriram-nas na política a partir de uma perspectiva democrático-institucional. Diferente das ações anarquistas no início do século XX, que buscavam libertar os presos, afirmadas diretamente no embate contra as instituições disciplinares, hoje, a atuação em Ongs de defesa dos Direitos Humanos, adéqua-se muito bem às constantes modelações da prisão-prédio e das contínuas reformas e melhorias do regime dos castigos. Diferente da ação direta das Pussy Riots, o que fazem agora é uma arte política crítica, como novas celebridades engajadas. As músicas ganham cada vez mais uma roupagem pop e são cantadas em inglês e não mais em russo; os vídeos não são registros de ações, mas produzidos vídeo clipes; a recusa ao mercado e ao culto à personalidade, princípios da associação Pussy Riot, foram negociados. Capturadas⁹, as duas passaram a empreender no lucrativo mercado do entretenimento, tornaram-se palatáveis símbolos da defesa da democracia ocidental, reclamando direitos e lutando por reformas. Capturadas, saíram do confronto contra o Estado e passaram a defendê-lo, colaborando com programas que buscam a sua eterna melhoria e que o sustentam.

E diante disso tudo, como ficaram as pussies anônimas? Escaparam. Chama atenção que, mesmo que a identidade de Yekaterina Samutsevich

⁹ Na dissertação de mestrado “Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra” mostro auxiliada pela noção de *máquina de guerra*, elaborada por Gilles Deleuze, como a atual sociedade de controle funciona *capturando* resistências no mercado e na política.

e de outras duas integrantes fichadas pela polícia sejam conhecidas, não é possível mapear, pela internet, o que fazem ou dizem. Mesmo diante de tantos controles, redes sociais e mídia. Em julho de 2015, as *pussy riots* anunciaram em seu livejournal a morte da Pussy Riot.¹⁰ O texto escrito em russo não foi traduzido para outras línguas, bem como o vídeo que o acompanha, em que uma garota vestindo uma balaclava pink performatiza um suicídio. O tiro dado na própria cabeça da Pussy Riot e a recusa a qualquer forma de reconhecimento ou identificação, a serem pegas pela polícia ou ao se entregarem à ordem e ao mercado, afirma uma radicalidade ingovernável.

hoje, brasas ou chamas incandescentes?

Apresentando essas lutas menores, essas existências muitas vezes deixadas ao ostracismo, é possível mostrar como a revolta, ganhando forma em práticas de ação direta, relações liberadas de autoritarismo e voltadas contra os governos e dominações, afirma-se intempestiva e atemporal.

Apartada de uma reivindicação por protagonismo, por uma nova História ou reconhecimento, trazer essas lutas mostra a contundência, a força e o discernimento produzidos pela revolta, ainda que em alguns momentos diretamente vinculada à vontade revolucionária.

Em séculos diferentes, enfrentando relações de poder e questões próprias, essas mulheres foram insuportáveis, incomodaram, empolgaram, incendiaram, fugiram, foram ingovernáveis e viveram suas vidas livres; por vezes, foram pegas e mortificadas. Em meio a incessante batalha, não pediram licença ou permissão para ser o que eram experimentando liberdades e escrevendo suas próprias existências.

¹⁰ Disponível em: <http://pussy-riot.livejournal.com/>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

Referências bibliográficas:

AVRICH, Paul (s/d). *An Anarchist Life: Mollie Steimer (1897-1980)*. Disponível em: <https://www.waste.org/~roadrunner/ScarletLetterArchives/BlackRose/BR7/AnAnarchistLife.htm>.

BAKUNIN, Mikhail (2007). O princípio do Estado in *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 11, pp. 50-77. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve11.pdf>

BROIDO, Vera (1977). *Apostles into terrorists: Women and the revolutionary movement in the russia of Alexander II*. London: Maurice Temple Smith Ltd, 1977.

GESSEN, Masha (2014). *Words Will Break Cement: The Passion of Pussy Riot*. New York: Riverhead Books.

GOLDMAN, Emma (2015). *Vivendo minha vida*. Tradução de Nils Skare. Curitiba: L. Dopa.

_____. (2007). O Comunismo não existe na Rússia In *O indivíduo, a sociedade e o Estado*. São Paulo: Hedra, pp.103-120.

_____. (2004). Minha outra desilusão na Rússia. In: *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 11, pp. .109-122. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve11.pdf>

Jade French e Emely Neu (org.) (2013). *Let's start a Pussy Riot*. Londres: Rough Trade/ New York, Feminist Press.

Pussy Riot (2014). Uma carta aberta da Pussy Riot. In *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 25, pp. .147-162. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/verve25.pdf>

SKIRDA, Alexandre (2007). A repressão ao anarquismo na Rússia Soviética. In *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 11, pp. 95-108. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve11.pdf>